

O “LEITOR IDEAL” DA *EPÍSTOLA* 1.2 DE SÊNECA: UMA BREVE METALEITURA

Ana Azevedo BEZERRA

Orientadora: Profa Dra. Isabella Tardin Cardoso

Resumo: O tema deste artigo é a concepção de leitura e a de leitor que o filósofo estoico Lúcio Aneu Sêneca ((4 a.C.-65 d.C.) apresenta na segunda carta do primeiro livro (*Ep.* 1.2) das *Epístolas Morais*, que têm como destinatário seu discípulo Lucílio. Observaremos aspectos retóricos do texto em apreço, analisando o emprego de máximas, metáforas e exemplos em sua argumentação. O confronto entre o que Sêneca prescreve e o que no texto se revela deixa também entrever aspectos da imagem de Lucílio, tema de nossa pesquisa em andamento.

Palavras-Chave: Estudos Clássicos; Sêneca; história da leitura; epistolografia; Lucílio.

1. INTRODUÇÃO¹

Ao longo de suas *Epístolas Morais* (*Epistulae Morales*) endereçadas a Lucílio, o autor romano Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C.-65 d.C.)² aborda diversos temas do ponto de vista da filosofia estoica, tais como - para dar apenas alguns exemplos no primeiro livro - o tempo (assunto da primeira *Epístola*) e a amizade (abordada em cartas posteriores, como as *Ep.* 1.3, 1.6 e 1.9). Na segunda epístola do primeiro livro, o tema é precisamente a leitura.

Tal como na missiva que dá início à obra,³ encontramos nessa carta alguns indícios para a caracterização de Lucílio como destinatário. Mas, além disso, seu texto revela-se, conforme pretendemos evidenciar, um registro que nos ajuda a compreender a concepção propriamente senequiana de leitor. A imagem do Lucílio-leitor e a leitura

1 Este estudo faz parte de pesquisa (orientada pela coautora do artigo) que conta com apoio da Fapesp (Processo nº2016/06615-5). Agradecemos à Danielle Chagas de Lima pela discussão da versão anterior, apresentada no Seminário de Pesquisas da Graduação do IEL em 2016, bem como a Aline Lazaro Bragion, pela leitura do texto.

2 Cf. Conte (1994, p. 408-409).

3 Para nossa apreciação da *Ep.* 1.1, cf. Azevedo Bezerra; Cardoso (2015).

prescrita pelo filósofo missivista na *Ep.* 1.2 de Sêneca são, pois, as questões que norteiam o presente artigo.⁴

2. OS LUGARES DA LEITURA

A epístola 1.2 começa com uma referência que Sêneca faz a algo que Lucílio lhe teria escrito (*ex iis quae mihi scribis*, *Ep.* 1.2.1), sendo apresentada, portanto, como uma espécie de resposta a um texto anterior (e que não sobreveio à modernidade)⁵. Pautando-se nas palavras de Lucílio e também no testemunho de outrem (*ex iis quae audio*, *Ep.* 1.2.1), Sêneca declara sua visão positiva acerca do destinatário: “Formo uma boa expectativa a seu respeito: você não fica correndo de um lado para o outro, nem se atormenta com o desejo de mudança de lugar” (*bonam spem de te concipio, non discurreis nec locorum mutationibus inquietaris*, *Ep.* 1.2.1). Sabemos que, em latim, *locus* (termo mencionado em *locorum mutationibus*, *Ep.* 1.2.1), tal como *topos* em grego, pode significar não apenas lugar físico como também tema, ideia, tópico, lugar comum: Sêneca explorará nuanças concretas e metafóricas da palavra.

Desse modo, temos, a princípio, uma referência elogiosa a Lucílio. A impressão aqui é de que Sêneca, ao censurar pessoas que tenham anseios de mudança (“a mente fraca é que tem essa preocupação”, *aegri animi ista iactatio est* *Ep.* 1.2.1), aprovaria em Lucílio uma atitude diferente dessa, já que, conforme segue apontando, uma “mente tranquila” (*composita mens*, *Ep.* 1.2.1) é a que não anseia por muito movimento e consegue “habitar consigo mesma” (*secum morari*, *Ep.* 1.2.1).

No entanto, há uma certa alteração de tom quando Sêneca passa a tratar da questão da leitura. Ele o faz nos seguintes termos: “Preste atenção nisto porém: que essa leitura de muitos autores e de todo o gênero de livros não tenha algo inconstante e instável” (*Illud autem uide, ne ista lectio auctorum multorum et omnis generis uoluminum habeat aliquid uagum et instabile*, *Ep.* 1.2.2).⁶ Segundo a interpretação dos estudiosos consultados, na expressão *ista lectio* (lit. “essa leitura”, *Ep.* 1.2.2), faz-se referência ao interlocutor, ou,

4 Vale destacar que o ponto de vista de Sêneca, tão influente autor do primeiro século de nossa era, não é contemplado em estudos abalizados sobre a história da leitura que até agora consultamos, como por exemplo em Cavallo e Chartier (1998) e Cavallo (2004).

5 Scarpat (1975, p. 43-44).

6 Nesse sentido, lemos, por exemplo, na tradução de Segurado e Campos (2004, p. 3), “essa tua leitura”; em Scarpat (1975, p. 49), “leggere, come tu fai”; em Gummere (1996, p. 7), “lest this reading [...] may tend to make you discursive and unsteady”.

mais precisamente, à sua prática de leitura. Se é assim, devemos pensar que o elogio inicial à atitude geral de Lucílio (e ao que ele poderia se tornar, cf. *bonam spem* 1.2.1) é relativizado: o modo como ele conduz sua leitura pode ter algo de “vago” e “instável”, que o missivista censura (cf. *uagum* e *instabile*, *Ep.* 1.2.2).

A carta vai, então, ilustrar mediante máximas (as célebres *sententiae* que marcam o estilo senequiano)⁷ a afirmação de que a leitura variada e inconstante (*Ep.* 1.2.2-3) não traz proveito algum. Note-se como, nesta passagem, várias máximas são elencadas, consecutivamente:

Certis ingeniis inmorari et innutriri oportet, si uelis aliquid trahere quod in animo fideliter sedeat. Nusquam est qui ubique est. Vitam in peregrinatione exigentibus hoc euenit, ut multa hospitium habeant, nullas amicitias; idem accidat necesse est iis qui nullius se ingenio familiariter applicant sed omnia cursim et properantes transmittunt. [3] Non prodest cibus nec corpori accedit qui statim sumptus emittitur; nihil aeque sanitatem impedit quam remedium crebra mutatio; non uenit uulnus ad cicatricem in quo medicamenta temptantur; non conualescit planta quae saepe transfertur; nihil tam utile est ut in transitu prosit. Distingit librorum multitudo; itaque cum legere non possis quantum habueris, satis est habere quantum legas. (*Ep.* 1.2.2-3)

É bom demorar-se sobre autores específicos e deles se nutrir, se deles você quiser extrair algo que se assente de modo duradouro⁸ em sua mente. Não está em lugar nenhum quem está em toda parte. Assim sucede com os que passam a vida em peregrinação: têm muitos tetos hospitaleiros⁹, nenhuma amizade; o mesmo acontece necessariamente com aqueles que não se empenham em alcançar familiaridade com autor algum, mas atravessam¹⁰ tudo de modo corrido e apressados. [3] Não é útil e nem chega ao corpo o alimento que, sendo consumido, é imediatamente expelido; nada prejudica tanto a saúde do corpo quanto a troca constante de remédios; uma ferida, em que se ficam testando medicamentos, não vem a ser uma cicatriz; a árvore que é frequentemente transplantada não lança raízes; nada é tão útil que, até mesmo

Depois dessa enfática exposição, o filósofo apresenta uma suposta objeção do leitor: “‘Só que,’ você diz ‘ora quero folhear¹¹ esse livro, ora aquele.’” (“Sed modo” inquit “hunc librum euoluere uolo, modo illum”, *Ep.* 1.2.4). E é como reação a ela que Sêneca enunciará mais uma *sententia*: “É típico de um estômago enfasiado provar muitas comidas” (*Fastidientis stomachi est multa degustare*, *Ep.* 1.2.4). Apenas após isso temos uma prescrição mais palpável sobre o modo como uma leitura deve ser conduzida:

7 Cf. e.g. Braren (1999, p. 42-43).

8 Fideliter: lit. “fielmente, firmemente” (OLD 4 “securely”)

9Hospitia: “The permanent relationship existing between host and guest, the ties of hospitality” (OLD, hospitium 2a).

10 Transmittunt: lit. “vão ou viajam para o outro lado, atravessam” (OLD transmito 2a)

11 Euoluere: lit. “desenrolar” (OLD sentido 6a) o uolumen (OLD sentido 1), uma das formas em que textos eram publicados em Roma antiga. “Até os séculos II-III d.C. ‘ler um livro’ significava normalmente ler um rolo: pegava-se o rolo com a mão direita, desenrolando-o progressivamente com a esquerda, a qual segurava a parte já lida; acabada a leitura, o rolo permanecia enrolado na mão esquerda”, cf. Cavallo (1998, vol. 1, p. 78).

Probatos itaque semper lege, et si quando ad alios deuerti libuerit, ad priores redi. Aliquid cotidie aduersus paupertatem, aliquid aduersus mortem auxili compara, nec minus aduersus ceteras pestes; et cum multa percurreris, unum excerpe quod illo die concoquas. (Ep. 1.2.4)

Por isso, leia sempre os livros de boa reputação e, se alguma vez quiser desviar-se¹² para outros, volte aos primeiros. A cada dia ajunte algo que auxilie contra a pobreza, algo contra a morte, bem como algo contra outras desgraças; e, quando tiver percorrido muitas ideias, escolha uma só para digerir naquele dia.

Também é neste ponto da carta que se vislumbra a utilidade que a leitura, caso feita tal como Sêneca prescreve, pode trazer. Há então algum benefício em se ler de modo correto: o leitor apreende cotidianamente algo contra as aflições da vida; e ele deve digerir um por um cada aprendizado (aliquid cotidie aduersus paupertatem aliquid aduersus morte, auxili compara, nec minus aduersus ceteras pestes, Ep. 1.2.4).

A esta altura já podemos constatar que, numa tão breve carta, diversos são os recursos retóricos apresentados para reforçar a prescrição de como se deve ler. Vimos não somente as referidas sententiae, mas também (e muitas vezes expressas por meio delas) imagens ou metáforas que ora equiparam a leitura com um alimento ou com um remédio para a mente; ora os livros como lugar, onde o espírito mora ou se hospeda.

É interessante notar que, com tais imagens, Sêneca introduz brevemente temas que se mostrarão recorrentes em seu epistolário filosófico: a vida como peregrinação,¹³ bem como a filosofia como alimento ou medicina¹⁴. Para nosso estudo, aqui é importante constatar em que patamar Sêneca coloca o papel da leitura ao caracterizá-la com as mesmas imagens com que costuma se referir ao conhecimento e à atitude filosófica em geral.

Como mais um recurso de persuasão, vale destacar que, no desfecho da carta, Sêneca oferecerá um exemplo.¹⁵ Esse será nada menos do que ele mesmo: “É assim que eu mesmo faço; das muitas leituras absorvo algo” (Hoc ipse quoque facio; ex pluribus quae legi aliquid adprehendo, Ep. 1.2.5). Vejamos esse aspecto com mais atenção.

3. A LEITURA DE SÊNECA

Primeiramente, Sêneca conta que autor ele acabava de ler:

12 Deuerti: lit. “desviar-se do caminho para alorjar” (OLD deuerto sentido 3a). Aqui, continua a comparação com as relações de hospitalidade.

13 Cf. Bregalda (2004).

14 Cf. De Pietro (2008 e 2013) e Silveira (2011 e 2014).

15 Para interessantes aspectos em comum entre exemplos, metáforas e sententiae nos praecepta senequianos, cf. Silveira 2014.

Hodiernum hoc est quod apud Epicurum nactus sum (soleo enim et in aliena castra transire, non tamquam transfuga sed tamquam explorator): ‘honesta’ inquit ‘res est laeta paupertas’. (Ep. 1.2.5)

Este é o ensinamento de hoje, que consegui de Epicuro (visto que tenho o costume também de transitar no acampamento de outrem, não como um desertor, mas como um explorador): “Honesta” ele diz “é a pobreza contente”.¹⁶

Após citar algo do que teria lido, Sêneca exemplifica como estaria “digerindo” o ensinamento.¹⁷ Ou seja, em lugar de simplesmente reproduzir a máxima, o nosso filósofo procura refletir sobre ela:

[6] Illa uero non est paupertas, si laeta est; non qui parum habet sed qui plus cupit, pauper est. Quid enim refert quantum illi in arca, quantum in horreis iaceat, quantum pascat aut feneret, si alieno imminet, si non adquisita sed acquirenda computat? Quis sit diuitiarum modus quaeris? primus habere quod necesse est, proximus quod sat est. Vale. (Ep. 1.2.6)

Na verdade, não é pobreza se for contente; pobre é não quem tem pouco, mas quem deseja mais. Pois, o que importa quanto há no cofre de alguém, quanto está armazenado em seu celeiro, quanto gado alimenta ou quanto lucro ele tem, se extorque a outrem; se calcula não o que adquiriu, mas o que precisa adquirir? Qual é a medida da riqueza, você pergunta? Primeiramente é ter o necessário, em seguida o suficiente. Passe bem.

Além de “demorar-se” sobre a leitura do dia (e que acabava de citar na mesma carta), aqui o filósofo retoma um assunto já abordado na primeira missiva do epistolário (Ep.1.1.5), na qual se lê: “Não julgo que é pobre aquele a quem resta o suficiente, por menos que seja” (non puto pauper cui quantulumculumque superest sat es, Ep. 1.1.5). Na segunda carta, ele afirma algo semelhante ao refutar a citação de Epicuro: Illa uero non est paupertas, si laeta est; non qui parum habet, sed qui plus cupit, pauper est (“Na verdade, não é pobreza se for contente; pobre é não quem tem pouco, mas quem mais deseja”, Ep. 1.2.6). Em outras palavras, segundo ambas as epístolas, a pobreza verdadeira é a ganância desenfreada e não o fato de se ter pouco.

Resumamos, pois, qual é a estratégia de leitura que Sêneca exhibe: ele extrai aspectos dos autores que lê; questiona a definição dos conceitos, à medida que lê; e, por fim, relaciona- os com as leituras e reflexões apresentadas na carta prévia. Essa relação no

16 ‘Honesta’ inquit ‘res est laeta paupertas’: de acordo com Scarpat (1975, p. 55, n. 5) essa máxima de Epicuro é citada nesses exatos termos somente por Sêneca. Conforme Usener (2002 p. 35-37), a sentença provavelmente é originária da Gnomologia de Epicuro: uma coletânea de extratos selecionados de cartas íntimas do filósofo grego: “Ci meravigliamo del fatto che lo Stoico Seneca tratti con tanta serietà e impegno le asserzioni di un filosofo avversario relative alle brame, alla sorte e alla morte” (Usener 2002, p. 37)

17 Schafer (2011, p. 33) afirma a respeito da didaxis senequiana: “A third theme is the effectiveness of exempla: lessons take much better when they are shown rather than said”.

interior da obra epistolar não é, ao menos até o momento, explicitada: caberá a Lucílio, e a nós, também leitores, estabelecê-la, ao “digerir” algo das cartas.

4. CONCLUSÃO: A LEITURA DE LUCÍLIO

Acima comentamos que, embora Sêneca tenha começado afirmando que uma busca por loci (temas, ideias, obras) não estaria perturbando Lucílio, o prosseguimento do texto indica que existe algo que a mens do discípulo deve ainda aprender e isso tem a ver com a leitura.

Segundo a epístola, a leitura de Lucílio deveria se restringir a autores selecionados e “aprovados” (probatos Ep.1.2.4). Mas, quem seriam eles? Constata-se que o autor cuja máxima é citada na carta, Epicuro, pertence ao cânone senequiano. Mas, tal como sugerido por Schafer¹⁸, também Sêneca e suas cartas sem dúvida estariam incluídos entre os probati: Lucílio deveria precisamente ler a carta!¹⁹

Portanto, se aplicarmos ao texto em apreço suas próprias prescrições, temos que, apesar das tantas imagens e sententiae (por vezes apresentadas pelo autor como se fossem brindes), a leitura da carta senequiana não visa a mero prazer, e sim a uma utilidade (aliquid cotidie aduersus paupertatem, aliquid aduersus mortem auxili [...], nec minus aduersus ceteras pestes, Ep. 1.2. 4). Segundo Sêneca, existe, pois, uma finalidade para a leitura, da qual, percebemos, Lucílio ainda não se teria dado conta nesse ponto do relacionamento com seu professor-amigo.²⁰

Entre as instruções apresentadas, lemos: “‘Só que,’ você diz ‘ora quero folhear esse livro, ora aquele’” (Ep. 1.24): citadas ou sugeridas por Sêneca, lemos as possíveis palavras de Lucílio. Trata-se de um leitor que, mesmo que tendo grande potencial, ainda se interessa em divagar por livros variados... A partir daí, também podemos inferir no leitor da segunda carta senequiana atitudes e seu estado mental muito diferentes do ideal (e diferentes do que Sêneca afirma que cultivava). O início elogioso revela-se, portanto, captatio benevolentiae: o destinatário, ainda com dificuldades de escolher e se concentrar (condições para a reflexão filosófica), corre o risco de estar com um espírito doente (aeger animus), e Sêneca está oferecendo, junto com seu texto e seu exemplo de leitura, o remédio para isso.

18 Cf. Schafer, 2011, p. 33.

19 Cf. Schafer, 2011, p. 42.

20 Cf. Schafer, 2011, p. 33-34. Segundo Schafer (2011, p.33 n. 3 e 4), o relacionamento entre Sêneca e Lucílio, não é facilmente definível, mas provável papel de Sêneca como um professor-amigo é o que o autor considera no seu estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMISEN-MARCHETTI, M. (1989). *Sapientiae facies. Étude sur le images de Sénèque*. Les Belles Lettres, Paris.
- BEZERRA, A. A.; CARDOSO, I. T. (2015) “Vestígios de Lucílio: a imagem do leitor no livro I das *Epistulae Morales de Lúcio Aneu Sêneca*”, *Revista Língua Literatura e Ensino* 12, p. 41-48.
- BRAREN, I. (1999). “Por que Sêneca escreveu epístolas?” in *Letras Clássicas*, 3, p. 39-44.
- BREGALDA, M.M. (2004). “Tempus em Sêneca: abordagem de um conceito-chave”, *Phaos*, 3, p. 39-57.
- CAVALLO, G. e CHARTIER, R. (1998) (org) *História da leitura no mundo ocidental*. vol. 1 (Multiplas escritas). Ática, São Paulo.
- CAVALLO, G. (2004) (coaut.) *Libri, editori e pubblico nel mondo antico: guida storica e critica*. 4a ed. aggiornata. Laterza, Roma.
- CONTE, G. B. (1994). *Latin literature: a history*. Johns Hopkins University Press, Baltimore; London.
- ERNOUT, A.; THOMAS, A. (1986) *Syntaxe latine*. Klincksieck, Paris.
- DE PIETRO, M. C. (2008). *Faces da “harmonia” nas Epistulae Morales de Seneca*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000441702>>. Acesso em: 8 nov. 2016.
- DE PIETRO, M. C. (2013). *Noções estoicas de harmonia no De vita beata de Sêneca*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000902280>>. Acesso em: 8 nov. 2016.
- GRIMAL, P.; CARL, A.; LAMAISON, J.; NOIVILLE, R. (1986). *Gramática Latina*. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GUMMERE R. M. (trad.) *SENECA L. A. (1917). Epistles*. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.
- HERRMANN, L. (1958) *Le Second Lucilius*. Latomus, Bruxelles.
- REYNOLDS, L. D (ed.); *SENECA L. A. (1965). Ad Lucilium Epistulae Morales. V. 1 (Oxford Classical Texts)*. Oxford University Press, New York, NY.
- SCARPAT, G. (ed.); *SENECA L. A. (1975). Lettere a Lucilio. Libro Primo (Ep. I-XII)*. Paideia Editrice, Brescia.
- SCHAFFER, J. (2011). “Seneca’s Epistulae Morales as dramatized education” in *Classical Philology*, 106, p. 32-52.
- SEGURADO E CAMPOS J. A. (trad.); *SÊNeca L. A. (2004) Cartas a Lucílio*. Gulbenkian, Lisboa.
- SILVEIRA, F. L. (2011). *Imagens da preceptiva e da dogmática na epístola 95 de Sêneca*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=49302&opt=4>>. Acesso em: 8 nov. 2016.
- SILVEIRA, F. L. (2014) *Praecepta e decreta na Epístola 94 de Sêneca*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000938900>> Acesso em: 8 nov. 2016.
- USENER, H. (2002) *Epicurea*. Bompiani, Milano.